TERRA LIVRE

Semanario Anarquista

LISBOA, 27 de Março de 1913

N.º 7—1.º ANO | Diretor: PINTO QUARTIM | Publica-se ás 5.as feiras | Editor: JAIME DE CASTRO | PREÇO 20 RS.

Propriedade do grupo editor da TERRA LIVRE

Redação e administração Rua das Gaveas, 55, 1.º

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS R. do Poço dos Negros, 81

Um rei a menos

Anunciaram os jornais, compunjidamente, o assassinato do rei Jorje da Grecia. A esta hora, mesmo, ainda se não estinguiram os ecos do acontecimento, nem a sensibilidade doentia do jornalista e do leitor tiveram tempo de se restabelecer do abalo que a noticia provocou nos seus nervos vibrateis.

Pois, embora destoemos do concerto geral, devemos dizer, que, por nosso lado, nos é tão absolutamente indiferente a morte de quantos reis Jorjes a terra possa conter como a morte de qualquer pobre diabo, o mais apagado de todos os pobres diabos, ou a morte de qualquer rez abatida no matadouro em holocausto á voracidade humana.

Certo que não nos regozijamos com o assassinato do rei Jorje, como não nos regozijamos com o assassinato de ninguem, o nosso pior inimigo que seja. Repetimos que a coisa nos é absolutamente indiferente — eis tudo. E, para não termos de recorrer á crua frase habitual do reportorio portuguez, pediremos aucilio á lingua franceza e diremos, a respeito do celebre acontecimento, que *nous nous en fichou*.

Talvez contudo, alguma criatura mais afeita a afinar os seus nêrvos pelas leituras romanticas do seculo passado, se ache no direito de esprobar a nossa crúa insensibilidade, que não véste crépes diante dum homem môrto. A êsses perguntamos tão sómente quantas lagrimas reservaram para chorar as vítimas duma guerra selvajem, que as ambiçõis dêste rei Jorje, e doutros reis, mais ou menos Jorjes, ateàram e fizéram alastrar pela Peninsula balcanica como uma nodoa de sangue alastra e se faz grande.

Tristes contradições estas, as da emotividade humana! Ouve-se dizer — morreram em tal batalha dez mil homens, vinte mil homens, cem mil homens — e apenas se sente o ruído dos aplausos que o feito heroico do vencedor desperta. Esses tantos milhares de criaturas abatidas nêsses imênsos matadouros humanos, que são os campos de batalha, têem familias, que os choram, e que tantas vêzes ficam a braços com a mais negra das miserias. Eles proprios representam verdadeiros valores sociais, que a morte, abrupta e estupidamente aniquila. Pois bem, ninguem os chora, a não sêr no circulo limitado das suas relações pessoais. Uma cova aberta á pressa, duas pázadas de terra que mal os cobrem, e eis tudo. Mais tarde, a Historia apenas se encarregará de nos dizer que em tal batalha morreram uns tantos milhares de sêres anónimos.

*

Há dias, o falecido rei Jorje saía dum *Te-Deum*, em ação de graças pela tomada de Salónica, quando um telegrama do *diúdoque* Constantino lhe veiu comunicar a noticia da rendição de Janina. O ex-rei Jorge, nessa altura, projetou imediatamente um outro *Te Deum* de agradecimento ao *Altissimo*.

Toda a gente achou bem; toda a gente se regozijou. Quantas vítimas tinham custado num campo e noutro essas vitórias? Ninguem o quiz saber. O rei Jorje, misturando a conceção superior da Divindade com a coisa infame e assassina que é a guerra, não diferiu comtudo em nada dum Pápa célebre a mandar rezar tambem um *Te-Deum* por causa da matança de S. Barthelemy.

Pois bem, o acaso, com as suas misteriosas o tortuosas concèções, encarregou-se de vitimar pela mão dum louco (?) o rei que, hipocritamente, misturava o nome do seu Deus com o sangue das suas vítimas.

Devemos entristecer-nos por cauza dísso? Não. Para nós, a coisa é-nos tão absolutamente indiferente como a morte de qualquer pobre diabo, o mais apagado de todos os pobres diabos, ou a morte de qualquer rêz abatida no matadouro, em holocausto á voracidade humana.

Francisco Moreno.

● Só pelo comunismo, o matriarcado e o amor livre, a mulher, finalmente emancipada, chegará a ser igual ao homem. A igualdade social e moral de ambos os secsos não será possivel senão quando a educação do filho seja socializada e o seu estado civil seja regulado pela mãe.

Esta transformação radical da familiaezije a supresão previa da produção capitalista e não pode, por conseguinte, ser realizada senão pela Revolução.—*Frederico Stockelberg*

EM FRANÇA

Campanha antimilitarista

O comicio monstro do Pré-Saint-Gervais e a pifia revista de Vincennes

O triunfo obtido pelos revolucionarios francezes — pois é um grande triunfo o ter subido a tal intensidade o protesto contra os projectos militares — encheu de corajem e de entusiasmo os militantes da C. G. T. e dos partidos e grupos da vanguarda.

O comicio do dia 14 no «bairro latino» com o enérjico castigo e espulsão dos perturbadores nacionalistas, foi já um escelente comêço, que teve seguimento, pois os revolucionarios teem continuado a saber impor o respeito pelo direito de palavra e de reunião.

Mas o que sobretudo deixou éco e calor no coração foi a grandiosa manifestação do Pré-Saint-Gervais, no dia 16, uma das maiores de que tem memória o proletariado parisiense. Em vão, com sectaria e interessada má-fé, a imprensa burguêsa pretendeu ridiculamente reduzir as proporções do imponente comicio antimilitarista: a sua importância, em numero e sinceridade, foi bem superior á aparatosa parada de Vincennes apesar da ruidosa e demorada *réclame* em favor desta, apesar de todas as facilidades concedidas ao publico na abundância dos meios de transporte e na barateza das passajens. Os proprios soldados que foram á revista estavam de coração com

A camarada Yvonne e o camarada Aubin no comicio do Pré-Saint-Gervais

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

os manifestantes operários, e alguns, mais corajosos, não se abstiveram de o dizer em voz alta aos paisanos que os viam desfilar: «Melhor fôra que vocês estivessem no Pré-Saint Gervais.»

A imprensa burguêsa cala isto e muito mais. Cala que uma multidão entusiasta, avaliada sem ezagêro em 200 mil pessoas, se agrupava no vasto prado, em volta de onze tribunas de oradores. De uma dessas tribunas—a n.º 11,— levantada pela Federação Comunista Anarquista, falaram entre outros o camarada Emilio Aubin, redator principal do *Libertaire*, e a camarada Yvonne, como mostram as nossas gravuras.

A imprensa, ás ordens da finança, da metalurgia, dos governantes e dos militares profissionaes, cala tambem as manifestações contra o projetado restabelecimento do serviço de 3 anos surjidas em todos os pontos da França, no seio do verdadeiro povo, dos conscritos e dos soldados, para só referir e engrandecer os berros e opiniões dos interessados nos armamentos e dos meninos burguêses, assim como o ato irrefletido e mal calculado de alguns conscritos, que, julgando certa a aprovação do projeto, querem aproveitar as pequenas vantajens do voluntariato, alistando-se desde já por 3 anos. E o que torna bem suspeito o patriotismo destes conscritos é que a melhor e, em certos casos, única vantajem dessa voluntariedade é não irem para as guarnições da fronteira fronco-alemã...

Esperemos que os revolucionarios francêses vençam a reação militarista—mas não com demasiada facilidade e rapidez... pois o govêrno caíu no érro de lhes fornecer um poderoso motivo de ação, capaz de interessar todo o povo inclusivé os soldados ainda em serviço, capaz de avivar o movimento operario, de suscitar novas lutas e novas enerjias, de unir todos os esforços.

Factos e comentarios

Ferias parlamentares

Os nossos ilustres parlamentares, aqueles mesmos que aprovaram a Separação da egreja do Estado, deliberaram que a «semana santa» fosse de ferias para as suas pessoas. Seria por fervoroso misticismo? seria pelo seu devotado amôr ao descanço? Não sabemos, nem nos importa. Semilhante resolução mereceu censuras de muito boa gente, atendendo ao atraso em que se encontram os trabalhos parlamentares.

Pela nossa parte, achamos bem e se podessemos prorogar-lhes as ferias por toda a vida d'eles e mais dois dias apressar-nos-iamos a faze-lo.

A proposito, um leitór — certamente algum funcionario publico — escrevenos ezasperado pelo facto de o parlamento ter-se posto em ferias desde sabado de Ramos até ao dia 24 [illegible] nto nas demais repartições do Estado uem sequer houve a tolerancia de ponto na quinta e sexta feira santas, exijindo-se todo o rigor contra os empregados que não comparecessem á hora.

Tenha paciencia homenzinho! Isso de «quando o sol nasce é para todos» é uma velha treta em materia politica que tem por lema «Deus para uns e o diabo para os outros». Você julgou o contrario? Pois então peça a Deus que o mate ou ao diabo que o carregue.

A guerra dos Balkans

Segundo uma estatistica recentemente publicada num jornal inglez, a guerra nos Balkans já custou 362:200 vidas, cabendo:

A' Turquia.....	189:000
A' Bulgaria.....	72:000
A' Servia.....	43:000
Ao Montenegro...	19:700
A' Grecia.....	38:500
	362:200

Dez e doze mil réis por minuto

E' porquanto ficam ao Zé *soberano* e miseravel (vêde que contrasenso!) os serviços parlamentares, segundo calculou e declarou na camara o ministro do interior sr. dr. Rodriguo Rodrigues.

Ai filhos! que bem empregadinho dinheiro.

O amor pelo povo...

Não se cançam, os verdadeiros representantes do povo «soberano», de dar mostras do grande interesse que dedicam a todas as questões que possam minorar a vida miseravel do povo que lhes encheu a alcofa. Na verdade, se mais esforços não teem empregado para suavizar a situação aflitiva em que as classes proletarias se arrastam, é porque mais ocasiões se não oferecem. Ainda ha pouco, no Senado foi posto de parte o projeto de lei para a construção de casas baratas, destinadas a operarios. E andam para aí esses anarquistas mancomunados com os talassas a dizerem que os republicanos não cumprem com o que prometeram na oposição!...

O nosso aparecimento

De *O Trabalhador Rural* noticiando o aparecimento da *Terra Livre*:

«Saíu finalmente á luz da publicidade este semanario que era entre nós anciosamente esperado.

Teem sido muito apreciadas as *Georjicas*, de Neno Vasco, dedicadas aos trabalhadores rurais, havendo pedidos insistentes á redação do nosso jornal para que se publiquem em folheto.

O artigo *O primeiro grevista* tambem foi objeto de vivas e interessantes discussões. E' um bom jornal que todos os nossos camaradas devem ler.

Longa vida é o que sinceramente dezejamos ao novo e bem elaborado colega.»

Muito obrigados e o estimado colega que nos acompanhe.

Uma necessidade da rejimen

O chefe unionista declarou no Algarve — em Portimão, cremos nós — ser necessario que se organize o partido socialista, arrancando os proletarios a influencias maléficas.

As quais influencias devem ser os sindicalistas e anarquistas. E' tocante esta concordancia do sr. Camacho com o chefe democratico. O diabo é os socialistas, organizados como se acham ha perto de 40 anos, não servirem para combater as ditas influencias.

...Apesar de darem cavalaria.

No procimo numero

Amor livre estudo de Madeleine Vernet.

A meu irmão o camponez de Eliseu Reclus.

RESPONDENDO A UM INQUERITO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

II

Meus amigos:

Ao iniciarmos, nós adultos, o estudo duma ciencia, temos de aceitar, embora a titulo provisorio, o que nos dizem os especialistas no assunto, porquanto não se pode estudar *uma ciencia determinada* sem se saber o que se vai estudar, qual é o seu objeto aprocimado, qual o seu pretenso ambito em que se desenvolve, quais as materias que é corrente abranjer. Somos forçados portanto, a seguir e a adotar, ainda que temporariamente, o que *já está feito*, o que constitue o patrimonio cientifico dos conhecimentos humanos. Imajine-se, por hipotese, por absurdo, um individuo a dizer que vai estudar zoolojia ou botanica, sem ter a menor ideia do que significam estas palavras e quais os objetos de que tratam, sem previamente se aproveitar dos trabalhos realisados e de se certificar o que é a tal zoolojia ou botanica que quer aprender. Teria que proceder ao acaso, ás apalpadelas, antes que alcançasse uma desintegração, uma descriminação; teria de fazer individualmente o trabalho de gerações, e com certeza, ao adquirir o criterio que que lhe destacasse o fenomeno zoolojico da demais fenomenalidade, não teria jà vida suficiente para fazer o estudo profundo da propria ciencia como hoje eziste jà...

Para que a humanidade conseguisse destacar o fenomeno social dos demais fenomenos e lhe achasse um carater ou caratéres distintos e irredutiveis ás demais ciencias gastou muito seculo e muitas gerações, e as interpretações teolojicas e metafisicas anteciparam-se ás positivas.

O facto de se dizer: vou estudar sociolojia já implica a aceitação dum trabalho alheio e anterior, dum corpo de doutrinas especiais com uma denominação especial, que não se acha absorvido por outros corpos de doutrinas.

Ao estudioso cientista, é, pois, imposto o processo pedagojico de aceitar inicialmente o que dizem os especialistas-tipo sobre determinada materia ou assunto cientifico emquanto não adquire o necessario cabedal para se emancipar, retomar a liberdade de pensar sobre o assunto.

Só depois de nos termos compenetrado, de nos termos saturado do assunto, de termos abraçado todo o conteudo, é que devemos emanciparmo-nos, retomar a nossa liberdade e adotar então o criterio que mais nos parecer de armonia com a realidade, ou, até, a criar um criterio proprio — se os estudados nos oferecerem duvidas, contrasensos e não responderem a todas as hipoteses da respetiva ciencia.

O criterio que não solucione ou não esteja de harmonia com todos os factos, que não esplique *todos* os fenomenos duma ciencia, deve ser posto de lado, porquanto a sua insuficiencia revela-nos a sua falta de base realista, isto é, verdadeira, — porquanto *verdade* é o que é conforme a realidade.

Dos varios criterios sob que costumam ser encarados os fenomenos sociais, aquele que até hoje nos tem satisfeito a todas as hipoteses e soluções é o organicista-contratualista. A conceção que temos do fenomeno sociolojico, derivada da sua analise, criou-nos esse criterio á luz do qual nos temos guiado e com o qual observamos todas as manifestações sociais.

Como a espressão o indica, consideramos, partimos do principio fundamental de que a sociedade é um organismo— não um organismo sem distinção alguma comparado com os organismos biolojicos, não, ainda, um organismo analogo aos mesmos organismos biolojicos,—mas um organismo especial, *suí generis*, distinguindo-se dos demais organismos ezistentes, quer quantitativamente, pelo seu carater de estrema complecsidade, quer qualitativamente, pela sua especialidade,—numa palavra: um *super organismo*.

O organismo social difere dos outros organismos, não só pelos orgãos e elementos de orgãos que o constituem mas ainda pelo fim que tem em vista, que é independente, irredutivel a qualquer outro organismo.

A principal carateristica, porem, está em que os elementos que constituem os diversos grupos, agregados, orgãos e aparelhos sociais, e que, por sua vez, unidos uns aos outros formam o super-organismo, chamado sociedade, chamado humanidade,—são dotados de consciencia de discernimento, *sabem para que se constituem, se formam*.

Pelo contrario, nos outros organismos os elementos constituitivos dos orgãos são inconscientes, o seu agrupamento é uma resultante de sucessivas adaptações a uma função, sem que neles intervenha uma ideia, a reflessão de que se agrupam para realizar certo e determinado fim.

Daqui o carater contratualista do super-organismo social, — não á similhança de Ugo

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Grocio, de Zocke ou de Rousseau, que partem dum suposto estado natural anterior que os humanos por fim despresam por meio dum contrato para formarem a socíedade, — mas sim, como um concurso social *mutuamente consentido* e que se traduz nas infinitas combinações que os seres humanos fazem para realizarem o seu fim — viver o mais possivel e o melhor possivel.

Este reciproco consentimento é a principio intuitivo, e torna-se cada vez mais conciente á medida que a evolução humana caminha pela estrada do progresso e sobretudo desde que a sociolojia adquiriu fóros de ciencia.

Mas vejamos o *facto sociolojico* conforme este nosso criterio.

O individuo humano isolado da sociedade só se pode conceber por um esforço de abstração. Só na sociedade é que o individuo atinje o macimo do seu desenvolvimento e pode ezercer eficaz e fecundamente as suas atividades; é em sociedade que ele pode satisfazer as suas necessidades.

Observando os *factos*, verificamos que o ser humano tem mais necessidades do que forças ou capacidades para as satisfazer. As necessidades são multiplices, as forças para produzir ou adquirir os meios de as satisfazer são limitadissimos dentro de cada individualidade. Aguilhoado por elas é que ele desenvolve toda a sua atividade social, é que se liga, se junta, se associa aos seus similhantes,—*se torna sociavel.*

A desproporção que eziste entre as necessidades humanas e as forças, para menos, de que esse mesmo ser humano pode dispender para fazer desaparecer o mal-estar que se produz no organismo biolojico pela sua satisfação, é que constitue a base, o fundamento da sociedade.

As necessidades humanas são ilimitadas, aumentam, intensa e estensamente, a todo o momento, e ao ser humano isolado não é dado satisfaze-las no tempo e no espaço á mingua de faculdades. E essa ilimitação, esse aumento constante conjungados com essa impossibilidade individual de as produzir por si só é que constituem o fator mais poderoso do progresso social, a primeira lei sociolojica.

O sêr humano, como sêr intelijente e perfetivel, é insaciavel. Satisfeita uma necessidade, nasce-lhe, cria-se-lhe imediatamente uma nova necessidade mais superior, mais elevada, mais requintada e igualmente mais complecsa.

Para satisfação dessas novas ezijencias do seu sêr, êle cria novas relações sociais, e procura fazer novas adaptações cada vez mais especificas, mais subtis, mais complicadas.

Podemos classificar as necessidades humanas em biologicas, psiquicas e sociais. Mas, para que êle satisfaça qualquer delas, é obrigado, por deficiencia natural, a agrupar-se, a unir-se, a agregar-se a outros sêres.

Para satisfazer uma necessídade, realizar um fim, conquistar um ideal, o humano carece de ligar-se, de se associar a outro ou outros sêres que sintam as mesmas necessidades, o mesmo imperativo a determinar-lhes as ações, as condutas.

Por naturesa, pois, o sêr humano é essencialmente sociavel; não pode viver fóra da vida social; não pode realizar o seu fim senão *dentro* da sociedade e fazendo parte déla.

Daqui o *facto sociolojico*, a lei fundamental, distinta, carateristica da ciencia social: *a sociabilidade.*

A sociabilidade é a tendencia natural dos sêres humanos para se agruparem, se organizarem a fim de realizarem ou obterem os meios indispensaveis á satisfação das suas necessidades.

Dois, três, quatro individuos produzem, alcançam, na conjugação de esforços e de intelijencias, o que a um só homem, isolado, sería impossivel. A luta pela vida contra a natureza ambiente, faz-se unindo esforços, somando enerjias individuasi, no aucílio mutuo.

Estas uniões temporarias ou mais ou menos permanentes, estas combinações ou *contratos* que se produzem ás miriades em todas as sociedades, no tempo e no espaço — outorgadas pelo *elemento humano*—constituem agregados que sendo fundados em vista dum fim, no dêsempenho duma *função*, tomam o aspeto, a estructura, a natureza de verdadeiros *orgãos* — que, por sua vez, reunindo-se num sistêma a fim de realizar uma função mais geral, fórmam um *aparelho* como é, por ezemplo, o *aparelho economico* formado por todos os orgãos ou instituições sociais de carater economico.

O conjunto de aparelhos sociais fórma o *super-organismo social* ou seja a humanidade. Esta é o *todo permanente:* as suas partes, os aparelhos e órgãos sociais variam, fórmam aspétos novos, perecem e dão orijem a outros, evolucionam em sucessivas e melhores adaptações em proveito dos elementos que lhes serve de base, de substancia, — mas o super-organismo persiste, ficsa-se cada vez mais; e purificando-se pela prática positiva, a lei da sociabilidade efétua-se por meio da sua fórma mais elevada e natural — a solidariedade.

. . . . . .

Para a semana veremos os diversos aspétos que os diferentes órgãos e aparelhos sociais nos apresentam, como se opéram as suas desintegrações e especialisações, partindo do homojeneo para o heterojeneo, do simples para o complecso e qual o sentido das suas respétivas evoluções ou substituições, ou quais os seus sucedaneos, de modo a darmos a previsão do que serão esses órgãos e aparelhos sociais no futuro e implicitamente qual será a futura estrutura do super-organismo social que se chama a humanidade.

Adolfo Lima.

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16 horas.

Um ponto do comicio do Pré-Saint-Gervais

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UMA CAMPANHA JUSTA

Em favor dos presos por questões sociais

A Republica e os operarios

Até que emfim! Vae fazer-se em todo o paiz um movimento de protesto — Amnistia para os presos — O caso Manuel de Azevedo e um libelo-aborto — Outras noticias

Vae finalmente fazer-se em todo o país o movimento de protesto que tão necessario reputámos sempre e que bem desejávamos já se houvesse realizado. O operariado organizado—que tão boas qualidades tem revelado na luta—já devia ter-se manifestado duma fórma coordenada e com enerjia contra a atitude dos governos, das autoridades administrativas e da *justiça*,—dessa famijerada *justiça* que dormirá a sono solto sobre certos processos, se não houver alguem que de qualquer maneira a faça despertar.

Varias conferencias e comicios se teem feito dispersos e espaçados. Só agora, porem, ao cabo de mezes seguidos, quando as familias dos presos se veem a braços com a fome e as bolsas magras dos camaradas bem pouco ou nada podem dar, só agora se trabalha a serio por fazer alastrar a campanha e intensificar o ataque. E' necessario que o operariado se vá habituando a manejar melhor a sua formidavel arma—a solidariedade—e a ter mais faceis e rapidos movimentos.

Vae fazer-se finalmente a manifestação de protesto. Assim no-lo anunciam por uma circular bem fundamentada, que é tambem um entusiastico apelo a todos os camaradas, a Comisão Ezecutiva do 2.º Congresso Sindicalista e União Local de Lisboa.

Bom será que o movimento tenha a estenção que se lhe pretende dar e que resulte bem significativo. Que o grito de todos seja este: *amnistia para os camaradas prescs! Imediata liberdade para eles!*

*

Apezar de na lei fundamental do país se dizer que ninguem pode estar prêso mais que oito dias sem culpa formada, prêsos tem havido entre os nossos camaradas que, durante mezes e mezes, não sofreram o menor interrogatorio, nem tivéram conhecimento da acusação que lhes era feita. Assim, por ezemplo, com José Buizel, a quem só ao cabo de quatro mezes e meio foi formada a culpa.

Assim com varios outros. Assim com Manuel de Azevedo. Seis longos mezes esperou este, nopardieiro infamissimo que é a cadeia do Limoeiro, que lhe dessem a nota da culpa. Ao cabo de seis mêses éla veio, mas veio um aborto.

Manuel de Azevedo — todos o teem de memoria certamente —foi aquele camarada que um dia, passando na Avenida á hora da musica, se não descobriu quando a musica tocava a »Portugueza» e foi por esse motivo apupado, perseguido e agredido por uma malta selvajem de caceteiros. Vendo-se assim acossado nestes tempos de civismo e de tolerancia que vão correndo, tratou de fujir, mas perseguiram-no ainda. Não podendo escapar ás furias dos caceteiros que lhe iam no encalço, teve que parar e viu-se então rodeado e agredido por eles. Desesperado, querendo defender-se, arrancou das mãos dum dos seus preseguidores uma pistola e com ela fez fogo. Era a lijitima defeza; e só nessa ocasião o fez por só então se ver rodeado pelos selvajens e só então poder obter uma arma com que os metesse em respeito.

Pois do libelo consta apenas este ultimo facto e despido de todas as circunstancias que nele concorreram e lhe davam uma feição totalmente diversa.

Diz o libelo: «— *1.º Que* (o nosso camarada) *disparou uma pistola contra José de Oliveira com intenção de o matar, ferindo-o gravemente porque teve de recolher ao hospital. 2.º que assim o reu cometeu o crime de homicidio voluntario frustrado, previsto no artigo 350 do Codigo Penal com referencia ao numero 3 dos artigos 55 e 57 do mesmo codigo. 3.º...*»

Isto é espantoso! Nada consta no libelo da perseguição feita ao nosso camarada pela malta de caceteiros, nem do que deu orijem a essa perseguição por parte dos selvajens do civismo! Homicidio voluntario frustrado!

Ao cabo de seis mezes sem se formar a culpa veio este aborto. O caso é grave. Por isso mesmo voltaremos ao assunto brevemente.

*

Os trabalhadores rurais de Coruche que se encontram presos ha quatro mezes no Limoeiro, devem ser julgados no dia 31 deste mez, na Boa Hora, se não houver adiatamento.

*

Do secretario geral da Associação dos Trabalhadores Rurais de Portel, Antonio Polycarpo Souza Ferreira, recebemos, para publicarmos, o seguinte aviso:

Realiza-se no dia 30 do corrente, pelas 4 horas da tarde, nesta vila, um comicio publico, a fim de se protestar contra a situação dos camaradas ha tempos presos. Assistirão oradores da Federação Corporativa dos Trabalhadores Rurais de Evora.

No tribunal militar

Julgamento de José Buizel

Depois de oito mezes de Limoeiro *e de ter estado mais de quatro sem culpa formada*, lá foi então julgado, como sucintamente noticiamos no nosso ultimo numero, o camarada José Negrão Buizel, professor de ensino livre em Portimão.

Acuzavam-no de conspirador monarquico, a êle que tanto trabalhara durante quinze ou vinte anos pela implantação da republica! O processo era uma imundicie e pena temos nós de não pussuirmos espaço bastante para dele falarmos largamente. Os seus bastidores são tudo quanto ha de mais ignobil. Mas adiante...

Buizel foi julgado. Ao ser interrogado pretendeu falar mas não lho consentiram, passando ele então a responder sucintamente, secamente, ás preguntas que lhe foram feitas. Completaremos nós agora as suas primeiras frazes. Começou ele assim: — A acuzação que me fazem não é só injusta—é infame. Disse o atual presidente do conselho...

Nesta altura o presidente do tribunal atalhou-o e não o deixou terminar o que ia a dizer que era o seguinte: «disse o atual presidente do conselho que a minha prizão como conspirador monarquico era uma das infamias praticadas á sombra da republica. Eu direi — é a maior infamia politica dos ultimos anos».

*

Tres dias durou o julgamento estando sempre a sala cheia de camaradas que seguiam com interesse os episodios varios, a leitura dos depoimentos das testemunhas de acuzação e de defeza, os incidentes levantados pelo promotor de justiça etc. No segundo dia, deposeram, como testemunhas de defeza de Buizel, Jaime de Castro, Bartolomeu Constantino e Sebastião Eujenio, fazendo todos eles afirmações de ideias com o maior desassombro. As suas esposições claras, serenas e decididas produziram uma esplendida impressão no auditorio. Foi uma admiravel sessão de propaganda feita no seio da justiça militaresca...

No ultimo dia coube a vez ao nosso camarada Sobral de Campos, advogado de Buizel. Pouco teria ele que dizer visto o promotor quasi ter indicado ao juri a absolvição. Mas não quiz Sobral de Campos perder a ocasião de levantar o veu sobre as infamias praticadas contra o operariado organisado e de fustigar o preconceito e a lei. Foi um gesto.

E um gesto, em certos meios sociais e em certos momentos, vale mais que muitas preleções ou muitos artigos de jornal.

No procimo numero daremos o discurso (pelo menos nos seus pontos principais) discurso que Sobral de Campos infelizmente não escreveu mas que vai reconstituir sobre alguns apontamentos que possue, e sobre a reportajem dalguns jornais diarios.

Os resultados duma gréve

ou

consecuencias duma vingança dum patrão sobre um grevista

Contam os jornais de sesta feira passada que um individuo, ex-chegador da Empresa Nacional de Navegação, despedido por ocasião da ultima greve maritima, matou a tiros de revólver um enjenheiro da marinha mercante.

Segundo relata *O Seculo*, o assassino «ultimamente fazendo parte da tripulação do vapor *Loanda* foi um dos que mais ajitaram e propagaram a greve do pessoal daquela empreza e, consecuentemente, das classes maritimas, tornando-se por esse facto muito conhecido e valendo-lhe a sua ação nesse movimento o ser despedido do serviço da mesma empreza, precisamente um mez depois de casado, pelo que ha cinco mezes que anda sem trabalho, vivendo na maior miseria com sua mulher...

«Em balde Antonio Faria procurou arranjar trabalho. Desempregado ha tanto tempo, atribuia o malogro da greve, dos maritimos a varios individuos que, dizia, haviam furado o movimento, apontando como tal o primeiro enjenheiro da empreza, Antonio José Batista, com o qual servira a bordo do *Loanda* e que ultimamente estava dirijindo as maquinas do paquete *Bolama* para onde tinha passado após a greve.»

Na quinta feira passada dirijia-se aquele oficial da marinha mercante, para o *Bolama*, «quando na sua frente surjiu o Faria a pedir-lhe trabalho, obtendo resposta negativa e a afirmação de que, jámais, haveria trabalho para ele. Levando a mão ao *bonet* Antonio Faria recuou uns passos e, logo que viu o enjenheiro voltar as costas e encetar de novo o caminho, puxon de um revolver e alvejou-o com um tiro.»

Um soldado da guarda fiscal que de lonje presenceava a cena, encaminhou-se resolutamente para o criminoso.» Este, sem a menor resistencia pegou no revolver pelo cano, estendeu-o ao soldado e entregou-lh'o proferindo ao mesmo tempo as seguintes palavras:

—Tome lá. Estou preso e sei muito bem o que fiz. Sou casado e não tenho trabalho. Minha mulher pede-me pão, e, como foi este homem quem m'o tirou, vim pedir-lh'o. Ele negou-m'o e o resultado foi este.»

Eis como *O Seculo*, que prima pela pormenorisação do seu noticiario, sinjelamente narra o acontecimento.

Que atentem nele os que aprovam e defendem o feito do enjenheiro despedindo o grevista e negando-lhe depois trabalho, e que a memoria da vitima lhes sirva de avizo e de ezemplo!

● Tudo é de todos, e emqnanto o homem e a mulher contribuem com a sua quota-parte de trabalho para produsir os objetos necessarios, teem direito á sua quota parte de tudo o que é produzido por todo o mundo. — *Kropoktine.*

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

O Feminismo
E a mulher proletaria

A enérjica atitude das damas inglesas na reivindicação do direito do sufrájio tem ultimamente chamado todas as atenções para o feminismo.

O movimento das sufrajistas britanicas é sem dúvida simpático a todos os revolucionários sociais, embora antiparlamentares, não só pela altiva enerjia que elas empregam e sem a qual nem ouvidas seriam, mas ainda porque, aos olhos dos que teem em vista a emancipação do ser humano e a abolição de todos os privilégios, muito lejitimamente reclamam as mulheres os direitos, verdadeiros ou ilusórios, concedidos aos homens.

Esses direitos não são, aliás, inteiramente ilusórios para a classe de mulheres que os reclama, embora não tenham valor para as operarias. Porque o feminismo das sufrajistas é um feminismo burguês, que pode entusiasmar as senhoras das classes médias e mesmo as aristocratas, mas não interessa a mulher pobre, para quèm as reivindicações feministas, consignadas em leis, não representariam aumento algúm de possibilidades económicas e de liberdade efetiva.

As feministas reclamam o voto, a abolição de certas incapacidades juridicas, o termo da sua inferioridade legal na familia, a admissão a certas funções publicas e profissões — e não as ha até que pretendem ezercer o dever (ou o direito?) de servir no ezército, como se não fosse suficiente, para essas damas, a desorganização causada nas familias pobres pelo militarismo e pela fábrica, e... o «patriótico» e abundante esforço das proletárias na procriação e criação de soldados para a «pátria»?...

Ora, que importam esses direitos á mulher pobre? Tanto como ás feministas burguêsas as reivindicações das operárias, as greves que estas são obrigadas a fazer a cada passo, com a solidariedade dos trabalhadores, não das damas, as penas, vexações e esploração de que são vitimas...

O sufrájio tem valor para a burguesia de ambos os secsos, sobretudo para os pequenos burgueses, eleitores ou elegiveis, pois que, pelo seu numero e pela sua relativa independencia económica, teem grande força eleitoral e podem esperar vantajens sensíveis de certas reformas legais, de medidas tributarias, das situações burocráticas. Mas as operárias—como os operários—só podem confiar na sua força de trabalho e na sua união.

Perante o codigo civil, a dama tem com efeito direitos a fazer valer, inferioridades a suprimir, interesses a salvaguardar. Mas a pobre? Que dote, que propriedade, que interesses tem ela? Casada ou amancebada a sua situação é a mesma, iguais as suas garantias. Nada tem que defender. O mesmo sucede aos filhos. A lei nada lhes pode dar.

A mulher operária está em perfeito pé de igualdade com o companheiro: não lhe é inferior. São ambos inferiores ao patrão, estão ambos junjidos á mesma canga. E' a igualdade na pobreza e na escravidão; e é tambem a estreita solidariedade que desse facto resulta.

A industria moderna vai arruinando cada vez mais o lar operario, desfazendo a familia pobre, á qual a fabrica arranca a mulher. Nos grandes países industriais são aos milhões—perto de seis, na Inglaterra—as mulheres absorvidas pela oficina, ao lado de crianças de 8 ou 10 anos para cima.

E' certo que as suas condições de salário e de trabalho são inferiores ás dos homens. Mas nesta desigualdade não teem interesse nem responsabilidade os seus companheiros de labuta, mas sim o patronato, composto de damas e cavalheiros.

Para estinguir essa desigualdade, as operarias não precisam de fazer feminismo mas luta de classes; não teem de lutar contra os homens, mas sim contra os patrões dos dois secsos. E nessa luta teem a solidariedade dos companheiros, tanto ou mais interessados do que elas na elevação dos salários femininos para atenuação da concorrencia e fortalecimento da resistencia operaria.

Façam, pois, as damas o seu pequeno feminismo: a mulher proletária, por seu lado, pela propria força dos factos, caminha de mãos dadas com o seu companheiro para uma emancipação que abranje todas as outras e que não fará distinção entre os secsos.

Ao operario consciente da necessidade dessa emancipação cumpre esforçar-se por trazer para a vida ativa do militante, do sindicado, do propagandista, todas as mulheres que puder influenciar.

Neno Vasco

Cartas a uma burgueza

II

Venha daí, minha amiga, e sem receios, que nenhum mal lhe pode acontecer e muito bem pode vir á sua vida deste belo passeio. E' o unico aucilio que lhe presto: ajudo-a a saltar os muros da sua cerca e levo-a por aí fora... Depois, se para aqui quizer voltar — do que duvido bem — a minha amiga o fará como puder ou gritará por alguem cá para dentro. Vá! Dê cá as mãos!

.....

Belo, não é verdade? Uns largos horizontes muito claros; um ar puro, muito bom, que se respira com um prazer infinito, que lava os pulmões e dá saude; um sol radioso, um sol criador, fecundante, sem ardencias demasiadas; um ceu azul sem nuvens onde a pupila descansa e a alma se retempera e encontra calma; terrenos cultivados, povoações brancas, iluminadas...

Vamos andando...

De quem é esta propriedade que estes homens cultivam com o aucilio de maquinas aperfeiçoadas? Se é dalgum grande senhor?

Não; esta propriedade não pertence a um homem só nem a um pequeno numero. Não se admire. Esta propriedade não tem dono. Como todo o outro terreno que nos cerca, este pertence a todos—aos que o trabalham e áqueles que produzem outras coisas necessarias á vida.

E' assim, serio. Não vê que este terreno, como todo o outro por aí fora, não tem muros a limita-lo? Não vê que não ha á sua roda sequer aqueles arames, com espinhos agressivos como baionetas de soldados, a indicarem que é vedado lá entrar?

Se nós soubessemos e quizessemos, podiamos ir trabalhar, como eles, que ninguem nos diria que não; e no fim colheriamos para nós os frutos necessarios e mandariamos para fora o muito que restava. Em compensação receberiamos dos que se ocupam noutras profissões tudo o que eles pudessem dispensar e nos fosse necessario.

Se não produzissemos nada, em coisa alguma, por não querermos trabalhar?! Todo o homem aqui quer trabalhar, ser util a si proprio e sê-lo aos outros. E' assim quando aqui vive. Sente prazer nisso. Se assim não fosse não estaria aqui.

Quem faz a policia dos campos? Se ha guarda republicana? Não, minha amiga. Não é necessario policia: aqui não é preciza a força armada nem ninguem a consentiria. Se a propriedade é de todos não é necessario defende-la de ninguem. Nem ha ladrões. Quem necessita vai buscar ou pede que lhe enviem, e tudo isto se faz francamente, á luz do dia, sem que haja reparos dos outros individuos. A não ser um doente — e para esse o hospital, os carinhos dos outros homens e todos os cuidados da ciencia—ninguem iria encobrir-se com a noite ou fazer por qualquer forma ocultamente o que é tão natural e se pode fazer á vista de todos. Não é assim?

Mas não eziste a força armada por qualquer outro motivo. Bem vê: o ezercito nada produz de util para os outros e é sempre para todos funestissimo.

As guerras? As guerras são o pior flajelo que a humanidade tem tido. Quando se diz, quando se profere esta palavra, acodem logo estas duas ao nosso espirito: a peste e a fome. Pois ha lá coisa mais brutal, mais selvajem, mais detestavel do que a guerra? Campos devastados, aldeias e vilas incendiadas, cadaveres às centenas de milhar, familias na desgraça, na miseria, horrores intraduziveis... E para que são as guerras, minha amiga? Para quê tanta chacina e doença e desgraça e destruição e infamia?

Para quê tudo isto? Para engrandecimento de meia duzia de aves de rapina, para o aumento dos mais sordidos interesses dos grandes bandidos da finança. Ora aqui, como já lhe disse, tudo é de todos; não ha senhores em conflito nem ha escravos que lhes obedeçam cegamente e que para os defender deem a vida matando outros escravos. Aqui não ha ezercito. E assim se evita que muitos milhares de homens estejam a ser alimentados, vestidos e calçados sem que dos seus esforços e das suas enerjias transviadas resulte qualquer bem para a sociedade. E assim se evita que se percam mil esforços e material sem conta na fabricação de instrumentos de crime e destruição. Bem sei que ha de haver gente que o estranhe e a minha amiga está, talvez, neste momento, a lamentar não ver passar aqui vistosos militares com os seus vivos azues ou encarnados e os seus galões doirados...

Não lamenta? Quero acredita-la...

Vamos seguindo por aqui. Ali adiante andam crianças. Gosta de pequenos, não é verdade? Pois iremos ter com eles. Conversaremos, saberemos como os educam, quais os processos que seguem os seus professores no ensino que lhes ministram. Ha de achar interessante, fique certa. Isto deve ter para si muita importancia. E' natural que um dia tenha filhos e não será mau saber como deve encaminha-los, como a ciencia indica que se faça a sua educação.

Não quer ir já? Está cansada de caminhar? Pois descancemos. Sentemo nos aqui sobre estas pedras e comamos os frutos destas arvores.

Se ralham? Criança! Já lhe disse ha pouco que isto é de todos e todos acham natural que quando se tem fome a fome se mate. Quando eles passarem e nos virem comendo, nada dirão a não ser *os bons dias* carinhosos, ou então entrarão conosco em conversa amigavel. E' que todos verão que, mostrando tudo isto á minha amiga, eu estou sendo util, que lhe estou dando elementos para fazer a sua individualidade.

Sentemo-nos, portanto, alguns momentos e façamos esta lijeira e saudavel refeição. Depois seguiremos... Que muito temos ainda que andar e muito teremos ainda que ver até que eu a abandone...

Sobral de Campos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25 26

A greve dos ventres

Que me importa a linguajem de Malthus, João Batista Say, Thiers, Ricardo, etc.?... A sociedade atual assenta sobre uma base justa, afirmam esses escritores burgueses: a miseria é um mal inevitavel: aquele que é condenado a morrer de fome deve aceitar a sua sorte sem murmurar.

Nós, porém, dizemos: «Todos os seres têm o mesmo direito á vida, á felicidade: a ordem social atual que não assegura a cada um o livre ezercicio das suas faculdades é portanto má e deve ser derrubada. Oprimidos! contemos apenas com os nossos proprios esforços para abolir o sistema capitalista que permite que uns vivam á custa dos outros: preparemo-nos para a luta definitiva que libertará a humanidade inteira.

«Entre os meios que nos permitem desenvolver bastante as nossas forças fisiolojicas e intelectuais para dar o ultimo passo da emancipação e ajir pronta e seguramente, vemos, ao lado do aumento de salário e da redução de horas de trabalho manual, a «greve dos ventres». (Podendo toda cessação de trabalho, trabalho procriador ou outro qualquer, podendo toda a greve ser intermitente, por «fazer a greve dos ventres» entendemos tanto ter poucos filhos como não ter nenhum).

«Não temos certamente intenção de censurar os que procriam o mais que podem, mas cremos que os encargos familiares escessivos impedem que muitos esplorados se façam revolucionarios: 1.º porque, mesmo não sendo irrisorio o salário, bem dificilmente acha então o trabalhador tempo e recursos bastantes para tomar conciencia dos seus direitos pela leitura, pela discussão, nas reuniões públicas; 2.º porque, ainda que o pai consiga emancipar-se, a mãi, sempre metida em casa e não tendo um só instante para refletir, não póde abandonar as suas ideias cobardes, estreitas, mesquinhas, e obriga, com as suas lagrimas ou censuras mais ou menos amargas, o marido ou o amante a calar as suas opiniões e a renunciar á revolta; 3.º porque se afronta menos facilmente a prisão, a espulsão da oficina, a perda do ganha-pão, quando se tem atrás de si um ezercito inteiro de boquinhas ávidas.

«Não nos parece, pois, erroneo dizer que a diminuição de nascimentos, efeito do pauperismo por um lado, póde, por outro lado, aumentar a velocidade do movimento revolucionario.

«Entendamo-nos: nós não dizemos, nem que limitar as nascenças seja o unico meio de emancipação, nem que o facto em si tenha um alcance revolucionario. E' a maneira de empregar as proprias forças não reduzidas que dá uma influência á esterilidade voluntaria; e, á semelhança do aumento de salário, a arma é de dois gumes: se o individuo tem a mentalidade burguesa (e entre os proletarios, muitos, a têm), só pensará em doirar as suas cadeias em vez de procurar parti-las; mas, pedindo aos oprimidos que restrinjam os seus encargos familiares afim de tirarem proveito da educação revolucionaria que, de dia para dia, se estende mais, pensamos que menos filhos é menos carne de fábrica, de canhão e de prazer vendido, e mais anticapitalistas, antimilitaristas e mulheres conscientes. Numerosas demais, as crianças, não deixam que os genitores se preparem e as preparem para realizar a transformação social».

Noto que a nossa argumentação nada tem de comum com a dos reacionarios.

Certos neo-maltusianos, tendo fé nos algarismos quereriam que o equilibrio entre a população e as subsistencias fosse estabelecido antes da revolução social. Que lhes ataquem os calculos, que lhes digam que, dado o número atual de individuos, reinará a abundancia, logo que se organize o trabalho e se suprima o rejime capitalista, oh! isso admito-o perfeitamente: mas protesto quando os acusam de serem defensores da ordem social ezistente.

Quem para todos quer a liberdade integral póde achar superfluo ocupar-se do escessivo número possivel de individuos, porque, se não sou da opinião dos que pretendem que, aplicada a educação integral, admitida a livre maternidade nenhuma mulher quererá ser mãi, creio que então bem poucas quererão muitos filhos.

Entretanto, em virtude da tendencia da maioria dos homens revolucionarios para ezaltar a fecundidade natural, é bom, parece-me, fazer observar que, não se recorrendo ao amor voluntariamente esteril, fatalmente se seria obrigado a arrotear todos os terrenos, a destruir todos os sitios pitorescos. Penso no encanto das florestas solitarias, nas necessidades dos artistas para quem a contemplação dum belo ponto de vista é um prazer sem igual, e esclamo então: Como! ao passo que, limitando voluntariamente o número deles, graças ao amor pelo amor, seria relativamente facil assegurar aos homens a vida material, sem saquear todas as maravilhas da natureza selvajem, se a popução ultrapassasse certos limites só se veriam campos de trigo, de batatas, de cenoiras, árvores fruteiras cuidadosamente cultivadas, convenientemente espaçadas, e vindes cantar-nos loas aos numerosos, numerosíssimos partos! Oh! logar á arte, logar a todos os gozos que não ofendem outrem!

Quanto á emigração, obrigatoria quando a população é muito densa, não é ísenta de perigos: é preciso ter em conta os climas mortiferos. Parece que muitos revolucionarios o esquecem.

Finalmente, repito, se mais tarde, num meio libertario, se praticasse a procriação inconsiderada, creio que então se notaria a *importancia social* contida na limitação voluntaria dos nacimentos, embora fosse apenas sob o ponto de vista da educação. Para fazer seres capazes de respeitar e de favorecer a liberdade dos outros no trabalho, no amor, na procriação, para fazer seres sabendo compreender a felicidade alheia, sabendo medir o alcance dos atos proprios sobre a sociedade, não é demais toda a vijilancia sobre a criança. Donde resulta a necessidade social, ainda quando for uma realidade o nosso ideal, de não gerar todas as vezes que a naturesa o permitir.

Conclusão: Não me limito a reivindicar a livre maternidade; considero a fecundidade natural como um dos perigos sociais, e não á maneira de Maltus como o perigo social. Em qualquer epoca, quer se trate da escravatura passada e presente ou da liberdade futura, quer se trate das relações dos homens entre si e com as outras forças da naturesa, as condições da procriação e as condições do trabalho parecem-me ser da mesma importancia.

Joana Dubois.

Revista dos jornais

A Crusada

Um ezemplo de como aos aliados balkanicos não os une cristãmente o fervor da sua fé, na libertação dos seus «irmãos oprimidos» pelo turco:

«O veu caiu, e pode-se medir a violencia das paixões e a estensão das diverjencias de interesse. Uma simples leitura dos jornais de Atenas, na semana finda, basta para pôr bem claras as disposições do povo grego relativamente aos bulgaros. Em Argrita, entre Serrés e Salonica, travou-se uma batalha, que durou 36 horas, entre as forças gregas e as bulgaras. De ambos os lados numerosos mortos e feridos ficaram no campo de batalha. Apesar de todos os cuidados para que se ignorasse este doloroso incidente, foi impossivel esconde-lo. A voz do canhão ouviu-se. O que torna particularmente grave este recontro é que a paixão dos soldados não fez senão adiantar-se sobre a irreconciliavel inveja dos politicos. A questão da partilha dos despojos, questão sempre delicada, sê-lo-á especialmente nessas rejiões.»

Vem no *Mundo* de 23, na revista internacional que J. de C. subscreve.

Militarista

O sr. Chagas Franco, espondo no *Seculo* a situação internacional, em apoio da tese favorita dos militaristas da republica portuguêsa — «em Portugal impõem-se quanto antes medidas eficases de defesa», escreve:

«A França aperfeiçôa os seus armamentos, aumenta no supremo interesse da defeza nacional os seus efetivos militares, pronuncia-se em favor do serviço de tres anos, estritamente e rigorosamente igual para todos, sem a minima dispensa; e estas medidas estraordinarias, estes recursos estremos, encontram tal acolhimento no inescedivel patriotismo francês que a mocidade das escolas e a mocidade de todos os meios intelectuais, burguêses, rurais e operarios, entusiasticamente, numa purêsa de abnegação verdadeiramente classica, saudam o governo e declaram-se prontas a todos os sacrificios para cumprirem a lei que deve assegurar a força e a grandêsa da sua patria.»

Isto não é improbidade. E' uma ilusão de optica espiritual: o articulista toma o seu desejo pela realidade. Salvo se para êle não se conta como demonstração operaria a maior unidade do protesto por banda dos operarios... socialistas, sindicalistas e anarquistas.

Era, não era

Sobre a politica esprime-se o *Trabalho*, de Setubal, por esta forma decisiva:

«Em que pese aos anarquistas e mais especies de maldisêntes anti-politicos, o grosso do proletariado mundial ainda hoje acompanha a politica. Nem ha outro caminho pratico a seguir. O resto são canticos celestiais.»

Não tão decisiva ainda assim, que poucas linhas abaixo, referindo-se a um velho republicano, não escreva:

«Diz êle que já não quer saber da politica. Tem talvez rasão para isso. A politica nos ultimos tempos só tem provocado retraimentos.»

De modo que cremos poder-se ficar nisto: — a politica é caminho prático... lá para quem é.

Patadas

«... Combateu com rude vêemencia e energia a propaganda dissolvente e nociva que propagandistas sem escrupulos andam espalhando pelos campos, fomentando a indisciplina, incitando á desordem, *sindicalistas*, que ninguem conhece e só vivem da esploração dos seus camaradas.. »

A Luta, de Lisboa (23 de março de 1913) — correspondencia de Estremoz.

Museu de asneiras

«Considera o arguido (José Buisel) como um propagandista de ideias contrarias ao rejimen, por o ver privar com individuos monarquicos, pois considera como propaganda todo e qualquer ato do propagandista, tendo porém a contrabalançar este seu conceito de propagandista o facto de nunca o ter visto fazer propaganda oral, ou de qualquer outra forma, de ideias monarquicas, não podendo assim concluir que fosse propagandista.»

(Depoimento do advogado João Carlos Gomes Mascarenhas, testemunha de acusação no processo Buisel. D'*A Capital*, de 19 de março.)

● A lealdade, o amor, a abnegação não podem florescer debaixo da repressão e da tirania; necessitam para o seu harmonico desenvolvimento do ambiente da liberdade vivificadora, da igualdade de condições em todos os seres humanos.

A Natureza, ao separar os dois secsos com faculdades e obrigações proprias de cada um, completou um fim comum, util e economico: — o progresso indeterminável da especie — enquanto que o homem, com o seu odioso orgulho, ao pretender corrijir a Natureza, impõe divisões que violentam os espiritos e prejudicam a procreação. Não devemos continuar por este mau caminho. — *Tereza Claramunt.*

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25 26

Amor fecundo e amor estéril

Nada ha de mais louvavel, certamente, do que trabalhar na reabilitação da Obra de vida. Por demasiado tempo foi a Virjem posta acima da Mãe. Demasiadas vezes, hoje ainda, é a grande missão materna, a missão de sacrificio, incompreendida e ignorada; e demasiadas vezes, sobretudo, cabe a gloria da geração menos á criadora dolorosa e maguada do que ao feliz pai cuja tarefa unica se limitou na obra comum a alguns instantes de prazer. Ha nisso uma clamorosa injustiça dos costumes e das leis.

Mas é tambem uma injustiça o desprezo dum amor não coroado peló filho. Aos olhos de alguns fanaticos que professam como uma relijião nova—tão perigosa e absurda como todas as relijiões—o culto cego da Natureza,... o amor fecundo, é o unico respeitavel... Porquê?

Sem dúvida, o amor fecundo na mulher é sulime: sai como que realçado, magnificado, de todas as dores que ela aceita, de todos os perigos que ela afronta!... Mas, no homem, a fecundidade não passa amiudadas vezes do egoismo do macho, que não quer restrinjir ou perturbar o seu prazer afim de poupar á amante muito confiada uma tortura por vezes mortal...

Não, não! o amor esteril não é feio, nem culpado!... E póde ser esteril o amor? O amor que reconforta e que ezalta; o Amor, fonte de alegria, fonte de ardor, não produz sómente obras de carne. Quantas criações, sublimes ou encantadoras, nasceram dum grande amor!...

E' tempo que a velha doutrina da Igreja, que coloca a criatura humana entre os sofrimentos da castidade absoluta e os da fecundidade sem limites; que pretende proibir todos os prazeres do amor aos que por gravissimas razões hesitam ante a Obra de Vida,... é tempo que esta doutrina tiranica e cruel vá juntar-se, no caos das coisas mortas, a todas as ideias de coação e de servidão varridas pelo sôpro de revolta!...

Ah! por certo, ezaltem a maternidade! Glorifiquem-lhe a gloriosa grandeza!... Mas não façam dela a unica razão de ser, e como que a desculpa do Amor. O Amor traz em si proprio a sua beleza, e não necessita de desculpa!

A Maternidade consciente e voluntaria, será mais sublime ainda. Ninguem tem o direito de a impor, como ninguem tem o direito de a proibir. Escolha cada mulher por si mesmo o seu destino. Fala-se muito na «felicidade da humanidade;» cada um traz a sua formula ou sistema. Mas a felicidade, coisa essencialmente relativa, variando com os individuos, não se póde regulamentar;... e as unicas doutrinas de felicidade são as doutrinas de liberdade!

Nelly Roussel

Movimento libertario

ESPANHA

O caso Queraltó.—Após a sua condenação em 2.ª instância o dr. Queraltó redobrou de atividade. Tem sido infatigavel, desde o 1.º deste mês, falando sucessivamente nos comícios de Valencia, Castillon, Algemesi, Cullera, Sueca, Alcoy, Alicante; Cartagena, Elche, Palma, etc. Ao mesmo tempo, realiza conferencias, como a que deu no Instituto médico de Valencia.

Por toda a parte o acolhem com entusiasmo, solidarizando-se com ele os anarquistas, os sociais-democratas, os livres-pensadores, etc. Segundo informações e impressões dos lugares percorridos, parece sentir-se um espírito novo, uma reviviscencia das ideias revolucionárias.

O dr. Queraltó tenciona instalar-se em Madrid e ali proseseguir na sua ativa propaganda. Não ha dúvida: a «justiça» prestou um bom serviço às ideias avançadas, ferindo cegamente o distinto sábio e clinico.

ESTADOS UNIDOS

O caso Aldamas.—Em julho de 1912, quando da greve dos fogueiros do *Atlantic*, em Brooklyn, o camarada Aldamas, atacado selvaticamente por um grupo de policias e vendo a sua vida em perigo, pelos ezemplos anteriores, fez fogo, matando um dos assaltantes e ferindo outros. Pedia-se contra este grevista a pena de morte.

Graças, porêm, a uma viva ajitação do operariado norte-americano, ajudado por uma campanha internacional, Aldamas foi apenas condenado a 18 mezes de prisão.

Esta quasi-absolvição e a absolvição completa de Ettor, Giovannitti e Caruso, aliás falsamente acusados, mostram que a trajédia de Chicago — o assassinato legal de 11 de novembro de 1887 — não pode já reproduzir-se na plutocrática República, não em virtude de maior justiça e liberdade *legais*, mas sim em razão da maior força e solidariedade do proletariado.

E são tambem, estes casos, um incentivo para a ajitação em favor dos três operários suecos e contra outras perseguições, como as do Brasil, da Arjentina, etc.

HOLANDA

Congresso antimilitarista.—Em setembro prócimo, como já anunciámos, será inaugurado na Haia o «Palácio da Paz,» afim de celebrar o centenário da libertação do país do jugo de Napoleão.

Para essa ocasião propõem os nossos camaradas holandeses um congresso ou manifestação internacional dos antimilitaristas revolucionários, para protestar contra aquela comédia, contra o hipócrita ou impotente pacifismo burguês e oficial e para afirmar o valor e a necessidade da arma suprema do proletariado contra a guerra: a greve geral revolucionária.

O conhecido camarada Domela Nieuwenhuis escreve a este propósito, no *Libertaire*, um interessante artigo, pedindo em nome dos anarquistas holandeses a opinião dos antimilitaristas dos varios países. No caso de ser secundada esta iniciativa, os camaradas holandeses encarregam-se de organizar o congresso—resposta dos antimilitaristas revolucionários ao infantil e utópico pacifismo.

SUÉCIA

Três vitimas.—Em 1908, durante um periodo crítico e doloroso de ásperas lutas económicas, três jovens operários, Algot Rosberg, Anton Nilsson e Alfredo Stern, lançaram uma bomba no vapor *Amathea*, a bordo do qual trabalhavam «amarelos» vindos de Inglaterra para furar a greve dos descarregadores do porto. Um dos fura-greves morreu, e outros sete ficaram feridos, embora a bomba fosse destinada apenas a assustar, fim atinjido, pois que os traidores quiseram logo ir-se embora.

Por este ato, praticado num momento de ezasperação, na noite de 13 de julho, e com um intuito desinteressado de solidariedade, Nilsson e Rosberg foram condenados à morte, sendo-lhes depois comutada a pena na de trabalhos forçados perpétuos, à qual fôra tambêm condenado Stern.

Os três rapazes estão nas galés há 5 anos, sendo constantemente brutalizados pelos infames cães de guarda da burguesia. A Organização Central Operária Sueca pede o apoio do proletariado internacional, sobretudo dos trabalhadores dos portos, afim de serem boicotados os produtos e navios suecos até se obter uma amnistia para os três condenados.

Todas as publicações e decisões de protesto devem ser enviadas a *Syndikalisten, Lund, Suède*, e a *S. M. le Roi, Stockholm, Suède*

Crónica internacional

NA INGLATERRA

não ficam baratas ao contribuinte (isto é: ao povo produtor) as famosas «leis sociais».

O govêrno calcula que as pensões à velhice, os seguros sociais e as ajências de trabalho custarão este ano ao tesouro público 4.855:452 libras mais do que no ano passado.

As pensões e os seguros custam ao tesouro ao todo 20.098:623 libras esterlinas. Só os salários dos ajentes incumbidos de aplicar a lei sobre os seguros custam 882:723 libras.

Moral: as «leis operarias», mesmo quando aplicadas (o que é raro), bem pouco melhoram a situação de certas categorias de operarios, e em paga criam uma abundante burocracia parasitária e custam ao povo trabalhadorios de dinheiro.

NA ALEMANHA

foi querelado o editor responsável do diário social-democrático de Francfort, *Frankfurter Volksstimme* por crime de lesa-majestade.

Esse celerado tinha ousado dizer que, se o *kaiser* Guilherme II fosse despojado do seu trono, como o ex-nosso Manolo, sempre havia de poder ganhar a sua vida, graças aos seus conhecimentos agronómicos!

Estamos, na verdade, num século pervertido! Atrever-se um hereje a supor que um parasita imperial possa vir a ser útil! E' o cúmulo da ousadia e do desbragamento, e o delincuente merece bem o castigo que lhe vão infljir, como esperamos ..

Não: os parasitas que dirijem os povos nunca poderão ser úteis — é a doutrina legal na Alemanha e é a nossa opinião tambêm.. Imajine-se o Manolito, por ezemplo, de enxada em punho, a plantar batatas! Que horror... para as batatas!

NA ITALIA

L'Internazionale, de Parma, insere um escelente e documentado estudo do nosso amigo Alceste De Ambris, mostrando com algarismos a obra e os progressos do sindicalismo de ação direta na provincia de Parma, seu principal baluarte: 20 mil organizados, 345 sindicatos, 35 cooperativas, 11 casas do povo, 50 grupos da «juventude», tudo após 6 anos de esforços e de propaganda. Parma é a sede federal da «União Sindical Italiana», recentemente constituida, num congresso.

— Na província de Ferrara, ha uma importante e tenaz greve rural.

Em Cento, localidade da mesma provincia, quando dois mil desocupados manifestavam, pedindo *Pão e trabalho*, o carabineiro Lazzarini, sem ter havido motivo nem provocação, disparou o revólver sobre a multidão, ferindo muito gravemente o jovem operário José Lódi, violências estas muito frecuentes no *bel paese*.

Em sinal de protesto, declarou-se em Cento, no dia 12, uma greve geral — uma das tais que são suspeitas aos nossos Macieiras por não terem uma «reivindicação económica!»

As autoridades inundaram a cidade de tropas e proibiram o comício, que foi apesar de tudo realizado, causando tal «atrevimento» o furor da «fôrça pública» e a prisão de dois militantes, Bitélli e Bucco, e de alguns outros operários.

Receava-se o agravamento da situação e *L'Internazionale* pedia ao operariado que estivesse pronto para uma possível gréve geral nacional.

A Propaganda

Organização anarquista

Grupo «Aurora Social».— A convite deste grupo, reuniram-se no Porto no domingo, 16, os delegados de todos os grupos libertarios daquela cidade, a fim de tratar de questões de propaganda.

Atenta a necessidade imperiosa não só de aumentar o formato do semanario *Aurora*, mas ainda de torna-lo diario, visto que muitas questões de interesse não são convenientemente tratadas por falta de espaço, resolveu-se que desde já se adquira uma tipografia não só para o jornal, mas tambem onde possam ser impressos outros periodicos anarquistas, manifestos, folhas soltas, folhetos, etc., revertendo a receita liquida em beneficio da *Aurora*, diario. Para esse efeito fêz-se já a emissão de 2:500 ações, de 500 réis cada uma, das quais já se passaram muitas.

Resolveu-se que se efetuem espetaculos e sorteios para se obter o indispensavel, pois que o capital acionado é insuficiente para pôr em pratica as resoluções tomadas.

Nos dias 6 e 13 de abril procimo, realizam-se os primeiros espetaculos, fazendo conferencias os camaradas, Juliano J. Ribeiro e Giordano Bruno.

Grupo «Jovens Ativos». — Este grupo constituido por camaradas do Porto, resolveu na sua ultima reunião fazer propaganda pelos campos, escolhendo o concelho de Gaia para iniciar o movimento.

A primeira sessão de propaganda realizou-se no passado domingo, 23, na freguezia de Oliveira do Douro, seguindo-se-lhe S. Felix da Marinha, Gulpilhares, etc.

● Desde o seu nascimento até á morte o homem deveria viver em harmonia com a mulher; e hoje mais do que nunca porque as fadigas da esploração são comuns. Todas as fatalidades do rejime presente caem por igual sobre o homem e sobre a mulher. Nenhum se salva da dor que a má organizacão social produz. Porque, pois, viver em desacordo quando as necessidades da vida os levam a estar juntos?—*Teresa Claramunt*

Aos ajentes da provincia

Pedindo aos nossos ajentes que liquidem até quinta feira procima as suas contas relativas ao mez corrente, para boa regularidade da administração do jornal, prevenimos os que não liquidaram ainda o mez de fevereiro que o deverão fazer conjuntamente com o mez de março afim de não sofrerem interrupção na remessa do nosso semanario.

Deverão tambem enviar as sobras, as quais devem trazer junto ao endereço o nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

LIVROS NOVOS

Da Porta da Europa

por **Neno Vasco**

E' posto, por estes dias á venda em todas as principais livrarias do país este livro do nosso camarada e amigo Neno Vasco. Eis o

Sumário dos capitulos

I. — **A República e a Igreja.**
Condições de vida da república na atualidade, sobretudo em Portugal. Classes interessadas na conservação do rejime. — A lei de separação e a oposição eclesiástica. O puro separatismo é pouco escutado na Europa. A Igreja vencida invoca a liberdade como ardil. — O desamparado protesto do Vaticano.

II. — **O parlamento e o operariado.**
Uma opinião republicana sobre a greve agrária. A abertura da Constituinte. — Uma entrada de favor no teatro da representação nacional, ou o deputado por bambúrrio. Evolução do socialismo parlamentar. A ineficaz providência legal. — Esperando o maná da lei. Na constituinte cavaqueia-se sôbre lejislação operária.

III. — **Questões politicas.**
A propósito da deslocação de tropas. O pacifismo infantil. Os «direitos adquiridos», acioma indiscutivel. — Bases para um projeto de lei: os deputados pagos sómente pelos seus eleitores. — Deve haver ou não presidente? O verdadeiro poder politico e o único travão. A inútil Providência. Esposição de doutrinas libertárias. Definições.

IV. — **A questão universitária.**
Os interesses e «direitos adquiridos» de Coimbra contra a «Falanje demagójica.» — A democracia e a instrução superior. Os obstáculos á cultura mental. O mal da divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual: o mal da autoridade.

V. — **Parlamento e ação direta.**
O direito de greve não entra na Constituição. «Questão de facto, não de direito» — Injenuidades e descuidos de deputados bisonhos e sem fé. — As razões do antiparlamentarismo. Que é a «ação direta»? Sentido restrito e sentido lato. O anarquismo, método político. Anarquismo e violência. O tiranicidio.

VI. — **Guerra internacional e guerra social.**
Nuvens de guerra. O conflito anglo-alemão. — Segredos da diplomacia. Manifestações antiguerreiras. — Os resultados duma guerra: uma boa eventualidade, consecuência indireta, contra cem males certos. — A guerra social na Inglaterra. Decisão e franqueza. — A tendência das greves para a generalização. — Uma grande greve em Espanha. O caráter dos movimentos grevistas espanhóis e as razões da abstenção republicana. — A conquista de Trípoli. — As guerras coloniais, fruto do rejime industrial moderno.

VII. — **Literatos mortos. A função policial.**
Duas classes de incursores rialistas. Os filhos de Eça de Queirós: epílogo dos *Maias*. — História triste dum escritor que morre na miséria. Os heróis do dia. A política, fonte de glórias e de proventos. — Hervé condenado por ter atacado a policia politica. Uma distinção meramente teórica. O conceito que do «crime» de heresia fazem os governos. A repressão policial, hoje impotente, inútil amanhã, perigosa sempre.

VIII. — **A questão clerical. Um precursor.**
A lei de separação. Regalismo contra teocracia. Em defesa da liberdade. — Uma grande manifestação da opinião anticlerical. A fôrça do govêrno. — A inocência de Ferrer. Recordação oportuna dum grande crime. — A propósito da comemoração de Henriques Nogueira.

IX. — **A greve de janeiro.**
A greve de Evora e suas causas. Atitude das autoridades. Greve geral de protesto. Uma fantasia de politicos. — Os sindicalistas e a República. — O govêrno começa a recuar e a desdizer-se. — Uma retirada completa e um discurso de defesa.

X. — **As grandes greves e as guerras.**
A greve do carvão na Inglaterra. O valor da greve. — Importância e repercussão da greve mineira. — A aliança anglo-lusa e os ganhos do anão. — A maior fôrça antiguerreira. A greve geral contra a guerra.

XI. — **A dúvida, a tolerâneia e a ação.**
O apedrejamento de dois jornais e o conceito de liberdade. A dúvida, a tolerância e a ação não são incompativeis. — Uma procissão tumultuosa e duas maneiras de contar a história. Luta de caprichos, em vez de luta de ideias. Sectários contra sectários, intolerância contra intolerância.

XII. — **Alguns males do capitalismo.**
O morticinio do Lena.
Fuzilam-se operários para que subam cotações. O dividendo e o naufrájio do *Titanic*. Atos de brutalidade e atos de solidariedade. — O sentido duma greve. O direito dos trabalhadores à gerência direta das coisas. — O significado do Primeiro de Maio. — Os «bandidos de automóvel» e o anarquismo

XIII. — **O valor da ação operária.**
A greve do pessoal dos elétricos. O que pode vir a ser a arbitrajem numa sociedade livre e o que ela é hoje nos conflitos entre o Capital e o Trabalho. — A verdadeira e a falsa «liberdade de trabalho». Os parasitas de hoje e os ociosos do futuro. A necessidade fisiológica, moral e social do trabalho. — Como foi sufocada a greve dos elétricos. — O pequeno valor material das reformas e a necessidade duma revolução social. — A atitude dos anarquistas ante o movimento operário e as dejenerações individualistas. O renascimento sindicalista e o revigoramento do socialismo libertário. Valor económico e moral da ação direta e dos seus resultados. A tarefa dos revolucionários sociais nos sindicatos.

XIV. — **Paradocsos da politica.**
A instabilidade ministerial. Quanto menos verdadeira, melhor funciona a máquina parlamentar. — A legação portuguesa junto do Vaticano. Pretestos e razões da sua conservação. O clero «separado». — A derrota de Couceiro e a morte dum espantalho. — Um fidalgo antigo. Curioso caso de retardamento. — O que é a República e o que dela devem esperar os revolucionarios sociais.

XV. — **Riqueza e miséria**
As joias duma rainha perdulária. O escopo da produção atual. Desvio e desperdicio de esfôrço humano. — O dinheiro, instrumento de tirania. Onde está a riqueza. — A propósito duma crónica. A fonte do mal-estar e desordem atuais. O único modo de tornar toda a gente proprietária».

XVI. — **Militarismo e democracia.**
Os limites da liberdade de espressão. Os direitos do cidadão e o crime de antimilitarismo. — Democracia e militarismo casam-se perfeitamente. — O culto obrigatório do hino nacional. — Os armamentos e seus efeitos. O melhor modo de «defesa nacional». — Males da guerra. — O que é a pátria para o burguês e para o proletário. A solidariedade de classe. — Hervé «retifica o tiro». O hervèismo. A palavra «antipatriota», êrro pedagójico. O que vem a ser o «militarismo revolucionário». Como Hervé entende a «conquista do ezército». Uma adesão perigosa. Como deve ser defendida a revolução. O ezemplo de 4 de Outubro.

XVII. — **Párabola do fim.**

PREÇO 500 RÉIS

A administração *Terra Livre* satisfaz todos os pedidos que veem acompanhados da importancia do livro, mais o porte do correio correspondente.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e economica. — Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores. — Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza. — Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional. — Desenhos e caricaturas demolidoras. — Concursos cientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza. — Correspondencia da provincia e do esterior. — Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates — Neno Vasco — Pinto Quartim — Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima — Afonso Manaças — Araujo Pereira — Aurelio Quintanilha — Bel-Adan — Campos Lima — Clemente Vieira dos Santos — Emilio Costa — Gaspar dos Santos — Humberto de Avelar — Ismael Pimentel — José Bacelar — José Benedy — José Carlos de Sousa — Manuel Ribeiro, Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mêz (só para o continente)	100
3 mêses	300
6 mêses	500
1 ano	1$000
Numero avulso	20
Pacote de 50 ezemplares (fora o porte do correio)	500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 mêses	2$400
1 ano	4$800
Numero avulso	100
Pacote de 50 ezemplares	2$500

Exterieur

Trois mois	2,50 fr.
Six mois	5 »
Um an	10 »
Prix du numéro	0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respetiva importancia em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despeza correspondente.

—=—

Um ezemplar gratuito. — Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que nos indiquem entre as suas relações, tôdas as péssôas suscétiveis de se interessarem pela leitura dêste semanario.

Sôbre os seus avisos, comunicando-nos os nomes e os endereços, enviaremos ás pessoas indicadas um ezemplar gratuito que lhes permitirá avaliar a qualidade, o interesse e a utilidade da nossa publicação.

Un spécimen gratuit — Nous prions tous nos lecteurs et amis de vouloir bien nous signaler, parmi leurs relations, toutes les personnes susceptibles de s'intéresser à le lacture de *Terra Livre* Sur leur avis, nous donnant des noms et des adresses, nous nous farons un plaisir d'envoyer aux personnes indiquées un spécimen gratuit qui leur permettra de se rendre compte de la qualité, de la utilité et de l'intérêt de notre semanaire.

Venda de livros. — A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estranjeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Notre service de librairie — Se charge de fournir a tous nos abonnés et aux organisations tous ouvrages de librairie aux conditions habituelles de remise.

—=—

Adresser toute correspondance relative à la Redaction et à l'Administration à Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisbonne (Portugal).

— Per tutto ciò che riguarda la *Terra Livre*, indirizzare alla Rua das Gaveas, 55, 1.º. Lisbona (Portogallo)

— Cion, kio rilatas al *Terra Livre*, oni sendu al la Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisbona (Portugal).

— All correspondance for *Terra Livre* should be adressed to Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisbon (Portugal).

— All correspondenz für *Terra Livre* ist zu richten auf Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lissabon (Portugal).

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja

«Terra Livre» encontra-se à venda nos principais quiosques e tabacarias

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis